

REVISTA DE  
**HISTÓRIA**  
DAS IDEIAS



IBÉRIA

VOLUME 31, 2010

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## A IBÉRIA COMO MAL-DE-ORIGEM

A construção de matrizes explicativas sobre cultura brasileira demandou um intenso investimento de releitura da história nacional. Este processo, realizado predominantemente pelos intelectuais do final século XIX e início do século XX, mobilizou primordialmente três linhas de reflexão, a saber: *i*) a realização de um *saldo histórico* da experiência colonizatória portuguesa no país, investimento necessário à sustentação de *ii*) um processo de demarcação cultural da nação (com e definição das características essenciais da brasilidade) e *iii*) a consubstancialização de uma escala de referência na qual o país teria um relacionamento potencialmente horizontal e positivo. Como se percebe, trata-se de um complexo de fatores que aglutinam aspectos vinculados à historiografia, à sociologia e, de certa forma, também às relações internacionais. Ou seja, no caso brasileiro, o intuito demarcatório da nação passava - necessariamente - pela definição de uma lusitanidade a ser contratada, posto ser esta a alteridade primordial. Estes elementos estiveram presentes na discussão identitária brasileira, constando na maior parte das obras matriciais<sup>(1)</sup> que fundaram (e fundamentaram) a unidade da cultura no Brasil\*<sup>1</sup> (2).

\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

(1) Refiro-me aos textos que objetivaram, no período que vai de 1870 até 1940, efetivamente construir um padrão estético e histórico sobre a cultura e o pensamento brasileiro. Incluem-se, entre outros, autores como Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Araripe Jr., Eduardo Prado, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado fúniór.

(2) Utilizo os conceitos de "fundação" e "fundamento" no sentido que lhes dá Fernando Gil e os articulo no sentido de clarear o processo de demarcação da nação enquanto objeto do conhecimento. Ambos os conceitos pertencem ao

A obra de Manoel Bomfim, estranhamente pouco estudada, representa um importante marco neste processo, principalmente sua *América Latina: males de origem*. Esta obra congrega, a um só tempo, uma releitura da história brasileira, refletindo em particular sobre as relações com Portugal (sobretudo no período colonial) e instaura o entendimento do país no âmbito de uma escala regional maior - a América Latina. É curiosa a forma como o autor justifica sua interpretação da identidade brasileira, inserido-a ao lado dos países de colonização espanhola, no bojo do que ele entende ser a ação predatória e parasitária da "colonização ibérica" no Novo Mundo. Vale chamar a atenção que, na abordagem bornfiniana, a Península Ibérica é um contraconceito assimétrico<sup>(3)</sup>, pois funciona como uma totalidade orgânica e social responsável pela definição dos povos latino-americanos (todos sofreram a ação essencialmente predatória na colonização espanhola e lusitana - tratada em conjunto). A Ibéria e a América Latina são, portanto, conceitos imbricados e contrapostos, a primeira, pela negatividade de sua ação, define, por contraste, a segunda.

Sua interpretação torna-se mais interessante quando se percebe a forte influência que a obra do intelectual português Joaquim Pedro de Oliveira Martins em sua leitura da história. Na verdade, a pregnância do autor de *A História da Civilização Ibérica* sobre a análise elaborada em *América Latina: males de origem* foi percebida por um brasileiro contemporâneo de Bomfim. O crítico literário Sílvio Romero denunciou que Bomfim colava-se à Oliveira Martins "copiando-lhe páginas inteiras"<sup>(4)</sup>. Valerá a pena,

registo da evidência, sendo o "fundamento" o lugar do excesso enquanto que a "fundação", está associada "à procura dessa inteligibilidade primordial que nos aparece como uma exigência indeclinável". Fernando Gil, *Modos de evidência*, Lisboa, INCM, 1998, p. 401.

<sup>(3)</sup> Reinhard Koselleck, *Le Futur Passé. Contribution à la sémantique des temps historique*, Paris, Éditions de EHESS, 1990. Para uma análise deste conceito, aplicado no âmbito das relações entre América Latina e Estados Unidos, ver João Feres Jr., "Latin America como conceito: a constituição de um outro americano", *Teoria & Sociedade*, n.º 11-2, jul.-dez. 2003, pp. 18-41

<sup>(4)</sup> Sílvio Romero, *A América Latina (analyse do livro de igual titulo do Dr. M. Bomfim)*, Porto, Livraria Chardron, 1906, p. 136. Após a publicação deste livro, em Portugal, uma polémica é instaurada entre os autores. A resposta de Manoel Bomfim é enviada no texto "Uma carta: a propósito da crítica do Sr. Sílvio Romero ao livro América Latina", publicada no mesmo ano de 1906 na revista *Os Anais*

assim sendo, também dedicar atenção à utilização, por um intérprete brasileiro, das leituras da história (ibérica e portuguesa) feitas por um intelectual lusitano. Trata-se de perceber como um discurso pode gerar efeitos bastante diferentes quando mobilizado em outro contexto<sup>(5)</sup>. Curiosamente, Manoel Bomfim utilizar-se-á da obra martiniana no sentido de justificar uma verdadeira lusofobia, como bem percebeu um arguto comentarista, Darcy Ribeiro<sup>(6)</sup>.

É fato que a argumentação bomfiniana sobre o parasitismo ibérico no período colonial, bem como acerca da necessidade de se combater a herança lusitana no Brasil, foi sendo mais ou menos diluída em várias leituras sobre a questão nacional no país<sup>(7)</sup>. Tornou-se um bordão comum. Demonstrem algumas mobilizações de sua obra: para Franklin

(Rio de Janeiro). A réplica de Romero veio no opúsculo "A propósito da América Latina (Ao Director da Revista *Os Annaes*)", texto também publicado em Portugal, inserido em seu livro *Provocações e Debates: Contribuição para o Estudo do Brasil Social*, Porto, Livraria Chardron, 1910.

<sup>(5)</sup> Trata-se de atentar para o caráter polissêmico do discurso, bem como para o fenômeno reinvenção da fronteira (no caso, entre Portugal/Península Ibérica e Brasil/América Latina). Veja-se, para a primeira questão, Dominick Lacapra, "Repensar la historia intelectual y leer textos", in José Elias Paltí, "*Giro Lingüístico e historia intelectual*", Buenos Aires, Quilmes, 1998, pp. 237-293 e, para a segunda, Rui Cunha Martins, *O Método da Fronteira: radiografia histórica de um dispositivo (matrizes ibéricas e americanas)*, Coimbra, Almedina, 2008.

<sup>(6)</sup> "*Suas acometidas agressivas eram contra os portugueses, uma verdadeira lusofobia*. Lusofobia, aliás, iluminada de tão lúcida e necessária naqueles tempos em que a tendência era - como continua sendo - a louvação do colonizador. No seu Brasil, que falava lisboeta e lia mais autores portugueses que brasileiros, que via nos palcos mais autores lusitanos que nossos, que ensinava a história com base nas falsificações grosseiras bebidas na obra de Varnhagen, 'escrita para o trono', a lusofobia de Manoel Bomfim era remédio necessário", Darcy Ribeiro, "Manoel Bomfim, antropólogo", in Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 2ª ed., 1993, pp. 13-14. Grifos meus.

<sup>(7)</sup> Merece ainda maiores estudos a influência da interpretação histórica de Manuel Bomfim na obra, por exemplo, de Caio Prado Júnior, principalmente em seu *Formação do Brasil Contemporâneo*, publicado em 1946. Evaldo Cabral de Mello sinalizou, ainda que brevemente, a pregnância e o "diálogo" da geração de 1930 no Brasil com os "país fundadores da sociologia da formação brasileira", estando Bomfim entre eles. Ver Evaldo Cabral de Mello, "Pós-fácio: Raízes do Brasil e depois", in Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 189-193.

de Oliveira, Bomfim foi um exímio "escafandrista das evidências históricas", estando "entre os primeiros que contribuíram eficazmente para despertar na consciência brasileira a ânsia de encontrar a própria realidade", conforme Azevedo Amaral, opinião ecoada por Maria Tétis Nunes, que o considera "um dos mais autênticos pioneiros de uma ideologia nacional"<sup>(8)</sup>.

Neste sentido, parece lícito dedicar atenção à compreensão da história e a relação desta com a crítica social em Manoel Bomfim. Desde o início de sua obra, afirmou que os povos sul-americanos se apresentavam "num estado que mal lhes dá direito a ser considerados povos civilizados"<sup>(9)</sup>. Trata-se de um olhar bastante próximo do sentimento crítico e enérgico dimanado pela brasileira Geração de 1870<sup>(10)</sup>. Mas, se assim o é, caberá mostrar como este sotaque intelectual mobiliza criticamente o passado em seu anseio de modernização e progresso (de um ponto de vista brasileiro). Prestar-se-á atenção ao uso dado, nesse âmbito, aos fundamentos teóricos de seu pensamento, bem como ao caráter que ele empresta tanto ao relacionamento entre Península Ibéria e América Latina quanto à dialogia entre Portugal e Brasil. Motivos de sobra, portanto, para seguir sua argumentação.

<sup>(8)</sup> Azevedo Amaral, "Prefácio à 2ª. edição", in Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1993, p. 32. Franklin de Oliveira, "Manoel Bomfim, o nascimento de uma nação", in Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 2ª ed., 1993, p. 24. Maria Tétis Nunes, *Silvio Romero e Manuel Bomfim: pioneiros de uma ideologia nacional*, Aracaju, Cadernos da UFS, n.º 4, [s.d.], p. 39.

<sup>(9)</sup> Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1993, pp. 49-50.

<sup>(10)</sup> Para uma análise das relações dialógicas entre as gerações portuguesa e brasileira de 1870, bem como do processo de construções histórica da "cultura nacional" em ambos países, consultar: Marçal de M. Paredes, *Fronteiras Culturais Luso-Brasileiras: Demarcações da História e Escalas Identitárias (1870-1910)*, Coimbra, Faculdade de Letras. Tese de Doutorado em História, 2007.

## Males de Origem

Escrito em Paris, enquanto seu autor realizava estudos em psicologia, em 1903<sup>(11)</sup>, o livro *América Latina: males de origem*, apresenta um acento fortemente emocionado e nacionalista. Suas ideias, conforme explica o próprio autor, estavam em gestação desde 1897, por ocasião de um parecer que escrevera, na qualidade de Diretor Geral de Instrução Pública do estado do Rio de Janeiro, em função de um concurso sobre o melhor trabalho acerca da História da América Latina<sup>(12)</sup>.

A avaliação do autor aponta para a existência de um processo de "retardamento" latino-americano diante da marcha civilizacional e do progresso capitaneado pelos povos mais adiantados da Europa. Além de uma diferença de ritmo, portanto, haveria também um equívoco no *sentido* deste caminhar coletivo no Novo Mundo. Ao invés de aproximarem-se dos povos adiantados, os latino-americanos estavam a distanciar-se cada vez mais. Por que motivo? Segundo o autor, o caso dos novos países latino-americanos conformaria algumas especificidades

<sup>(11)</sup> Como o próprio Bomfim revela na "Advertência" a *América Latina: males de origem*: "Este livro deriva diretamente do amor de um brasileiro pelo Brasil, da solicitude de um americano pela América. Começou no momento indeterminado em que nasceram esses sentimentos; exprime um pouco o desejo de ver esta pátria feliz, próspera, adiantada e livre". Manoel Bomfim, *A América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1993, p. 34.

<sup>(12)</sup> Manifesta-se o autor da seguinte forma: "aqui, onde, forasteiro, escrevo, disponho apenas de notas, reunidas durante nove anos - senão, talvez fosse outra a forma que tivera este trabalho; não variariam, porém, as ideias. Essas mesmas, agora desenvolvidas, já as apresentei, em parte, resumidamente num parecer, prefácio à excelente *História da América*, livro didático do Sr. Rocha Pombo parecer que deriva justamente dessa preocupação, já antiga. Em 1897, quando o diretor geral de Instrução Pública fez anunciar o concurso de um compêndio de História da América, solicitei a honra de, na qualidade de membro do Conselho Superior, dar o parecer sobre as obras que se apresentassem". Vale ainda lembrar o que Bomfim, em nota de rodapé, considera sobre o livro de Rocha Pombo, premiado no mencionado concurso. Diz ele que esta obra também "chegara a essa conclusão: que os males atuais da América Latina não são mais que o peso de um passado funesto, conclusão que ora demonstro e documento, quando estudo os efeitos do *parasitismo das metrópoles*, a que já me referia no *parecer*". Manoel Bomfim, *A América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, [1905],1993, p. 35.

histórico-biológicas. Eis sua explicação: "Sofremos todos os males, desvantagens e ónus, fatais às sociedades cultas, sem fruirmos quase nenhum dos benefícios com que o progresso tem suavizado a vida humana. Da civilização, só possuímos os encargos". Sua narrativa conforma um quadro em que só existe "miséria, dores, ignorância, tirania, pobreza". Todas as mazelas sociais são entendidas como resultantes de um processo de exploração "pelo mercantilismo cosmopolita e voraz, imoral e dissolvente, retardatário por cálculo, egoísta e inumano por natureza", num processo do qual "estas pobres sociedades não sabem e não podem se defender"<sup>(13)</sup> 14. Frente a esta consideração - e expondo uma compreensão histórico-sociológica que combina uma visão abstrata do tempo, cara às filosofias da História, com um entendimento organicista da existência das nacionalidades -, Bomfim dirá que "um povo não faz revoluções senão quando uma *causa profunda, orgânica*, o impele a isto; que as revoluções, e cada uma das outras causas dotadas, ora por este, ora por aquele, são efeitos e não causas, efeitos ligados a uma mesma origem, e que *é mister buscar cuidadosamente esta origem combatendo-a*"<sup>^</sup>. Por isso, assevera que "o progresso orgânico é o resultado do esforço contínuo e do exercício combinado de todos os órgãos na luta pela vida"<sup>(15)</sup>.

Semelhante raciocínio será clarificado na utilização que Bomfim faz de metáforas naturalistas. Trata-se da analogia estabelecida por ele entre o médico, que era por formação, e a crítica da história, que empreende em seu livro. Numa passagem bastante significativa, dedica longos trechos para explicitar os fatos que explicariam o porquê de alguns organismos animais se tornarem parasitas. Nesse ponto, versa sobre as características do *Chondracanthus gibbosus*, um animal marinho, muito rudimentar e simples, que, à primeira vista, parecia tratar-se de um verme, mas que Bomfim demonstrará tratar-se, antes, de um parasita<sup>(16)</sup>. A este

<sup>(13)</sup> *Idem, ibidem*, pp. 49-50.

<sup>(14)</sup> *Idem, ibidem*, p. 50. Grifos meus.

<sup>(15)</sup> *Idem, ibidem*, p. 57.

<sup>(16)</sup> Apenas a título de exemplo, merece a pena atentar no movimento analítico de Bomfim: "colocai um organismo em condições de vida que o dispensem de exercitar os seus órgãos sensoriais e locomotores, e estes se atrofiarão fatalmente. Foi o que sucedeu com o *Chondracanthus*: era um crustáceo livre, inteligente - do grau de inteligência que possui o comum dos crustáceos, provido de todos os instrumentos - órgãos e aparelhos - indispensáveis para guiá-lo na procura dos alimentos, ir ao encontro deles, fugir dos perigos, apanhar as substâncias

pretexto, o argumento do parasitismo biológico serve-lhe de substrato referencial para a análise da formação histórica dos povos peninsulares - entendidos como a *origem comum* dos povos latino-americanos. Tal como o *Chondracanthus*, que transitou de animal predador para parasita, o mesmo processo ter-se-ia observado com as nacionalidades colonizadores da Ibero-América<sup>(17)</sup>.

A teoria darwiniana não pressupunha o entendimento da natureza vinculado à ideia de perfeição. Neste ponto, aliás reside um dos aspectos de maior importância da noção darwiniana da "descendência com modificações", noção esta que, entretanto, acabará por se ver "amalgamada" com o ideal de perfeição colado à Inglaterra vitoriana através dos trabalhos de Spencer e Haeckel. É sabido, por outro lado, que este pano de fundo perfectibilista enquadra, até certo ponto, uma espécie de "naturalização" das filosofias da história que, partindo da

nutritivas, levá-las à boca, triturá-las, digeri-las; munido de um tegumento que o protegia dos choques exteriores. Por uma circunstância qualquer, ele se achou um dia sobre uma presa viva; tirou dela o alimento; deu-se bem, voltou ainda... Então, ele era apenas um animal *depredador*. Depois, nem mais se afastou da vítima, apegou-se a ela, fixou-se definitivamente, e todo o seu esforço ou trabalho vital se resumiu, deste momento em diante, em sugar o animal a que se prendia. Aí encontra ele tudo; a vida lhe é muito mais fácil do que se, da natureza, tivesse de tirar diretamente o sustento. [...] Fatalmente, um tal regime reflete sobre a inteligência, e esta se amesquinha, decai, também. A inteligência nutre-se e enriquece às custas das impressões e imagens ávidas do mundo exterior; ela se desenvolve na luta pela conquista dos alimentos, e para escapar aos perigos; num animal que tenha o sustento garantido e a vida abrigada, conservando-se ao mesmo tempo em condições de não receber impressões exteriores - num tal animal, a inteligência atrofia-se necessariamente". *Idem, ibidem*, pp. 56-58.

<sup>(17)</sup>Numa patente analogia entre organismo e sociedade, considera que "uma causa deprimente e perniciosa para os indivíduos em particular não pode deixar de ser perniciosa e deprimente para a sociedade no seu total"; afinal, "os organismos sociais regem-se por leis peculiares a eles, mas estas leis não podem estar em oposição com as que regem a vida dos elementos sociais em particular [pois] *o todo participa das qualidades das partes*, e delas depende", na medida em que "o vigor de um organismo representa a soma de vigor dos elementos que o constituem; uma condição que é nociva a esses elementos considerados, individualmente, é fatalmente nociva ao organismo". O paralelo traçado por Bomfim entre o progresso social e o progresso orgânico é claro: "*diferenciação dos órgãos, especialização das funções, divisão do trabalho* - estas são as condições indispensáveis à perfeição". *Idem, ibidem*, p. 59. Grifos no original.

impulsão hegeliana, emprestavam um cariz ascendente e progressivo ao desenrolar do tempo histórico<sup>(18)</sup>. Ora, o que é visível no caso do autor brasileiro é a sua disponibilidade para, precisamente, situar-se na articulação daqueles dois contributos, no sentido de utilizar o "tribunal da história" hegeliano para julgar o "parasitismo" ibérico nos nascentes "organismos sociais" da América Latina. Este aspecto permite entender diversas linhas interpretativas desenvolvidas por Bomfim. Torna compreensível, desde logo, que ele se afadigue a instruir, teoricamente, com base numa recorrente fundamentação organicista, o processo de julgamento do passado que o mobiliza e ao qual, a seguir, se entregará.

Bomfim era um verossímil leitor dos diversos autores que propagavam as noções de "luta" e de "seleção natural" no final do século XIX. Sua argumentação vai recuperar estes postulados em um sem-número de interpretações, incorporando-as em um sentido filosófico-histórico. Sua elaboração pode ser bem percebida, no seguinte trecho, quando defende que "uma sociedade que viva parasitariamente sobre a outra perde o hábito de lutar contra a natureza; não sente necessidade de apurar seus processos, nem de pôr em contribuição a inteligência, porque não é da natureza diretamente que ela tira sua subsistência, e sim do trabalho de outro grupo; com o fruto desse trabalho ela pode ter tudo"<sup>(19)</sup>. Atente-se que, para Bomfim, a luta não se dá *na* natureza (como em Darwin) mas, numa perspectiva colada ao ideário hegeliano, esta luta dá-se *contra* a natureza, no sentido de, com os instrumentos da razão, superar os condicionantes naturais.

Manoel Bomfim propaga uma visão que liga a ideia de "degeneração" biológica, ou parasitismo, à noção de "degeneração moral", entendida esta como consequência daquela, para em seguida, agregar estas noções ao espectro de um "julgamento" de fato. Daí que, citando a *Nouvelle théorie biologique du crime*, de Max Nordau, afirme que o "*crime é parasitismo humano*", pois o "degenerado é um débil, e em virtude da lei do menor esforço ele procura explorar o próximo, em vez de viver com ele sobre a base das trocas equivalentes, porque isto lhe é mais fácil"<sup>(20)</sup>. No desenrolar desta ideia sobressairá sua condição de médico que não

<sup>(18)</sup> Fernando Catroga, *Caminhos do fim da história*, Coimbra, Quarteto, 2003.

<sup>(19)</sup> Manoel Bomfim, *A América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1993, pp. 59-60.

<sup>m</sup>*Idem, ibidem*, p. 61.

se furta à mobilização do organicismo social no âmbito de uma crítica radical à formação histórica brasileira.

Será desta conjunção analítica que sairá todo o conjunto de afirmações condenatorias do colonialismo lusitano no Brasil, em particular, e do ibérico na América Latina, no geral. Como "organismos vivos", explica o autor, "as sociedades dependem, não só do meio, não só das condições de lugar, mas também das *condições de tempo*". Neste ponto reside o entrelaçamento entre o organicismo e a crítica histórica, de modo que, para estudar convenientemente uma nacionalidade, dever-se-ia compreender as forças que agiram para o crescimento histórico deste organismo coletivo: "*temos de analisar não só o meio em que ela se acha, como os seus antecedentes*. Uma nacionalidade é o *produto de uma evolução*; o seu estado presente é forçosamente a resultante de ação do seu passado, combinada à ação do meio"<sup>(21)</sup>. Eis aqui uma consideração metodológica permitida pelas analogias naturalistas entre os organismos e as coletividades. Trata-se também de uma forte convicção sobre a relevância do "fator tempo" na obtenção do "diagnóstico" estabelecido, o que não surpreende, pois, como lembrará Bomfim, para o médico "é o estudo, o conhecimento deste passado que o vai instruir definitivamente, e dizer se o indivíduo pode, ou não, curar-se. *A cura depende, em grande parte, da importância desse 'histórico'*, principalmente quando as condições presentes são relativamente favoráveis, e são tais que a elas o indivíduo se poderia adaptar facilmente, se não tivesse contra si uma *herança funesta*. Então, num tal caso, o empenho do clínico é dirigido todo, não contra o

<sup>(21)</sup>Dirá o médico que o "mesmo sucede com os organismos biológicos: se, num espaço, num meio muitas vezes restrito, único e igual, encontramos organismos de uma diversidade infinita, é porque eles não dependem só do meio atual, mas também das condições e formas anteriores, que a *hereditariedade* conserva - representam uma *herança adaptada*. É por isso, ainda, que uns se mostram mais perfeitos do que outros; é nestes - nos mais perfeitos - que a adaptação é mais completa; neles, o passado não pesa tão fortemente que embarace as adaptações indispensáveis. Isto se dá quanto às espécies, e se dá também quanto aos indivíduos em particular. Que vem a ser a doença? Uma inadaptação do organismo a certas condições especiais. Por que razão nem todos os indivíduos adoecem ao mesmo tempo, por uma mesma causa? Porque uns são mais *resistentes*; quer dizer, mais adaptáveis a essas causas do que outros". *Idem, ibidem*, p. 52. Grifos meus.

meio atual, pois que este é propício - mas *contra o passado, para vencê-lo e eliminá-lo*"<sup>TM</sup>.

Logicamente, então - será esta a decorrência - que o "histórico" deste paciente atrás descrito é semelhante ao caso das nacionalidades latino-americanas: afinal, "não há nada que justifique ou explique esse atraso em que se vêem, as dificuldades que têm encontrado no seu desenvolvimento. O meio é propício, e por isso mesmo, diante desta anomalia, o sociólogo não pode deixar de voltar-se para o passado a fim de buscar as causas dos males presentes. Há um outro fator a indicar bem expressamente que *é nesse passado, nas condições de formação das nacionalidades sul-americanas, que reside a verdadeira causa das suas perturbações atuais*: é que, por um lado, estas perturbações, estes males são absolutamente os mesmos - mais ou menos atenuados - em todas elas; e, por outro lado, estes povos tiveram a *mesma origem*, formaram-se nas mesmas condições, foram educados pelos mesmos processos, e esses males eles os vêm sofrendo desde o primeiro momento. Pois, *se os antecedentes são comuns, se os sintomas são os mesmos, se estes continuam com aqueles - é bem natural que nestes antecedentes esteja a verdadeira causa*"<sup>TM</sup>.

Bomfim convidará seu leitor a analisar o passado das nacionalidades latino-americanas, objetivando identificar e explicar até que ponto seus "vícios" atuais derivavam da herança e da educação recebida pelos povos colonizadores. E que concluirá, Bomfim, a este respeito? Que indicações retirará de suas investigações em torno da formação social e histórica da América Latina? Perceberá ele alguma diferença ou especificidade luso-brasileira diante das relações "castelhanas", entre espanhóis e americanos, ou, ao contrário, perceberá um único fio-condutor na colonização ibérica no Novo Mundo? Vale seguir a narrativa bomfiniana sobre estas questões.

Segundo ele, *"ao fazer este exame necessário da vida e do caráter das nações colonizadoras da América do Sul, um fato impõe-se logo à nossa atenção: é que elas padecem com as naturais modificações de meio - os mesmo males que as nações da América Latina. Nas duas - Espanha e Portugal, que, no caso, figuram como uma unidade - o mesmo atraso geral: uma geral desorientação, porventura, um certo desânimo, falta de atividade social, mal-estar*

<sup>TM</sup>*Idem, ibidem*, p. 53. Grifos meus.

<sup>TM</sup>*Idem, ibidem*, p. 53. Grifos meus.

em todas as classes, irritação constante e, sobretudo, uma fraqueza tão acentuada, que a muitos se afigura, também, como uma incapacidade essencial a manterem-se soberanas e livres a par dos outros povos. Isto é muito para notar, principalmente porque essas nações foram, em tempos relativamente bem próximos, excepcionalmente poderosas, ricas e adiantadas.<sup>(24)</sup> Eis aqui um ponto de vista que merece toda atenção: o tratamento conjunto de Portugal e Espanha, que conformariam uma unidade histórica e étnica, em escala ibérica, tomados como base para o entendimento da formação brasileira. É justamente neste ponto que ressoam as compreensões da história, a crítica social e a narrativa pictórica e pujante da *História da Civilização Ibérica*, do português Joaquim Pedro de Oliveira Martins. Este eco martiniano ressignificado no texto de Bomfim será tratado a seguir.

## Ibéria

Para o intelectual brasileiro, durante os séculos XVII e XVIII, "a Ibéria, que havia dado ao mundo Cervantes, Camões, Murilo, Lope de Vegal, Rivera... desaparece, involui, degenera; não se vê um só nome espanhol ou português entre os homens que fundaram a cultura moderna e dominam a natureza, ou naquelas que refazem a filosofia racionalista, que iluminará as gentes na conquista da justiça e da liberdade". O reflexo das críticas feitas pela *Geração de 70* portuguesa, como nas *Conferências do Casino*, parece bastante claro. Vale dizer, aliás, que as críticas de Sílvio Romero, atrás referidas, também já apontavam nesse sentido, chamando atenção, inclusive, para o eco das *Causas da decadência dos povos peninsulares*, de Antero de Quental, obra que inspirou boa parte da geração dos "vencidos da vida"<sup>(25)</sup>. O ponto nevrálgico das críticas sobre a decadência peninsular, e portuguesa em particular, estava centrada num objetivo de renascimento da nação. Ancorava-se, portanto, num desejo de reforma ou de revolução. Numa palavra: objetivava alcançar o progresso. Mas se este era o fio-condutor da geração de 1870 em Portugal, muito diferente será o resultado de suas críticas sociais,

<sup>(24)</sup>Idem, *ibidem*, p. 54. Grifos meus.

<sup>(25)</sup>Sílvio Romero, *A América Latina (analyse do livro de igual titulo do Dr. M. Bomfim)*, Porto, Livraria Chardron, 1906, p. 133.

de suas análises políticas, de sua leitura da história, vislumbradas do outro lado do Atlântico, pelos intelectuais brasileiros (até mesmo pela influência da primeira na segunda, bem como pelo relacionamento entre as duas margens atlânticas).

Neste aspecto, uma vez mais, Manoel Bomfim possui grande representatividade. O jogo de contraste entre o glorioso passado ibérico e o anseio de modernização atrelado ao sentimento de decadência ecoam em sua obra, produzindo efeitos provavelmente não esperados no contexto de sua produção em Portugal. É bastante acentuada a amplitude desta intertextualidade luso-brasileira no texto bomfiniano. Para ele, "enquanto os ânimos, fortalecidos pela ciência, vão lutando e se vão liberando, aqui e ali, aos poucos, mas continuamente, até chegar a esse estado de emancipação de espírito dos fins do século XIX, a Espanha apropria-se da Inquisição para eliminar sistematicamente todas as aspirações de liberdade e ergue em sistema a escravidão espiritual - degrada-se..."<sup>(26)</sup>. De acordo com Bomfim, por seu próprio esforço e energia, a Espanha estava constituída como uma nação moderna desde os fins do século XV: "daqueles aluviões sucessivos de gentes - fenícios, celtas, cartagineses, romanos, godos, suevos, alanos, mouros, árabes... ela fizera uma nacionalidade única, perfeitamente caracterizada, homogênea e forte. Foi um cadinho de povos e raças, tradições e costumes - depurou, eliminou os elementos irredutíveis, irritantes; fundiu, congregou, numa massa única, o resto. O cadinho ferveu doze séculos -1.200 anos de luta, guerra contínua!"<sup>(27)</sup>. Mas perante tal quadro, qual efeito foi produzido durante estes séculos de guerra constante e generalizada sobre o caráter das nacionalidades ibéricas? De que forma este histórico influirá sobre o futuro ibérico? Estes questionamentos - que são, aliás, semelhantes aos de Oliveira Martins - conduzirão o argumento de Manoel Bomfim.

O *passado ibérico* de lutas contra os árabes teria caucionado duas vertentes de elementos condicionantes da formação destes povos que, tempos depois, colonizaram a América Latina: "a educação guerreira, exclusivamente guerreira, a cultura intensiva dos instintos belicosos de centenas de gerações sucessivas; o regime a que eles se afizeram durante esses longos séculos - de viver de saques e razias; o desenvolvimento

<sup>(26)</sup> Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 2ª ed., 1993, p. 54.

<sup>(27)</sup> *Idem, ibidem*, p. 72.

sempre crescente das tendências depredadoras; a impossibilidade, quase, de se habituarem ao trabalho pacífico"<sup>(28)</sup>. Significa isto que, para Manoel Bomfim, a guerra e a cobiça, a depredação e a exploração, são componentes estruturais dos povos ibéricos. Características estas advindas de uma longa tradição que remete ao processo de reconquista da Península junto ao Sarraceno, tornado elemento fundante do caráter do português e do espanhol. Fatores, todos eles, de onde teria provindo uma inexorável apetência para a reprodução, no Novo Mundo, das práticas herdadas: a depredação, a exploração, a rapina, a aversão ao trabalho, etc. Um flagrante esqueleto neo-lamarckiano - isto é, a transmissão dos caracteres adquiridos - logo coberto com os panos da moral do Iluminismo eurocêntrico. Será este figurino híbrido - um neolamarckismo moralista - que consubstanciará, no autor, sua teoria sobre o "parasitismo ibérico" e sua ação deletéria nos povos latino-americanos<sup>(29)</sup>.

Bomfim dirá que se a Espanha só "queria conquistar é porque o movimento adquirido a precipitava a isto; porque se habituara a viver exclusivamente do fruto das conquistas; porque não sabia fazer outra coisa senão guerrear; porque cultivara, intensamente, por onze séculos, os instintos guerreiros e agressivos, e *guerrear se tornara para os homens uma necessidade orgânica*; porque, em contato por oito séculos com o árabe depredador e mercantil, tomara gosto ao luxo e à riqueza facilmente adquiridas; porque aprendera com ele a ter horror e repugnância ao trabalho normal, sedentário, verdadeiramente produtor"<sup>(30)</sup>. Por isso, indaga em tom algo irónico e inquisitorial: "que juízos se pode fazer da *beleza moral* dessas almas, que passavam a existência a cortar de açoites as carnes de míseros escravos e que aceitavam como legítimo viver do trabalho destes desgraçados, cuja vida será um martírio contínuo?!"<sup>(31)</sup>.

<sup>(28)</sup>*Idem, ibidem*, p. 74.

<sup>(29)</sup> Vejamos mais um pouco o argumento do brasileiro. Segundo ele, "um povo que viveu continuamente em guerra por oito séculos, viveu certamente de rapinas e saques por todo esse tempo. Tornou-se um regime normal; e era fatal: porque estava nos hábitos da época, porque os ódios e as vinditas estimulavam a isto, porque a perversão dos instintos guerreiros leva invariavelmente os povos belicosos a se fazerem depredadores, e, finalmente, porque o trabalho normal, pacífico, era quase impossível". *Idem, ibidem*, p. 76.

<sup>m</sup>*Idem, ibidem*, pp. 81-82. Grifos meus.

<sup>(31)</sup>*Idem, ibidem*, p. 61.

Inquietações tanto mais justificadas porquanto, como ensinava Oliveira Martins, cuja obra Bomfim bem conhecia, "é na história ultramarina, vasto campo onde os caracteres podiam bracejar mais à larga que todas as extravagâncias e bizarrrias do temperamento peninsular se mostram mais livremente"<sup>(32)</sup>.

Recorde-se que Oliveira Martins já havia escrito trechos muito semelhantes àqueles que estão transcritos acima e são assinados por Bomfim. Veja-se, por exemplo, o que diz o autor português em *O Brasil e as Colônias Portuguesas*: "Esgotadas as minas, banida para as tradições da história a caça dos indígenas, abolida em princípio a escravidão, o no Brasil remiu-se do fardo da herança colonial. A agricultura, fonte de um comércio abundante e próspero, exige dotes diversos e melhor educação"<sup>(33)</sup>. Esta intertextualidade entre os autores está manifesta, além do mais, no fato de o autor brasileiro não diferenciar, nem racial nem moralmente, a formação de Portugal e da Espanha, tratando-os conjuntamente. Nisto reside, nuclearmente, a similitude entre os dois: ambos fazem da *escala (neo)ibérica* uma referência identitária de primeira grandeza<sup>(34)</sup>. Aproximações que mais se reforçam ao se verificar o modo expresso como Oliveira Martins é citado e referido no livro de Bomfim (embora nem sempre o autor brasileiro deixava explícita sua fonte). É, com efeito, o que sucede com a apropriação bomfiniana de partes do quadro histórico identitário martiniano sobre Portugal: para os portugueses, "a vergonha é trabalhar, lavrar a terra. 'A sociedade que se desenvolve num modo espontâneo, diz Oliveira Martins em estilo de alta sociologia, à lei da natureza (guerreando e saqueando),

(32) J. P. de Oliveira Martins, *História da Civilização Ibérica*, Lisboa, Guimarães Editores, [1879], 1994, pp. 254-255.

(33) J. P. de Oliveira Martins, *O Brasil e as Colônias Portuguesas*, Lisboa, Guimarães & C.<sup>a</sup> Editores, [1880], 1978, p. 151.

(34) Sabe-se que, no contexto dezenovista português, Teófilo Braga defendia uma compreensão diversa de Portugal em sua teoria do moçarabismo. Vale prestar atenção que, assim como em Portugal, também no Brasil esta teoria foi desacreditada, motivando, também ela, intensa polêmica luso-brasileira, principalmente entre Silvío Romero e Teófilo Braga. Para uma análise desta, consultar: Marçal de Menezes Paredes, "Querela dos Originais: notas sobre a polêmica entre Silvío Romero e Teófilo Braga", *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, Edição Especial, n.º 2, 2006 (também disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1352>).

vai sucessivamente definindo as ideias coletivas, a maneira que progride na série das formas evolutivas'. A ideia coletiva aqui é varrer a Terra - saque universal"<sup>(35)</sup>.

E se Oliveira Martins havia já considerado a *História da Civilização Ibérica* como um caso de "teratologia histórica"<sup>(36)</sup>, não parecerá absurdo, a Manoel Bomfim, a utilização dos mesmos juízos históricos de Martins no sentido de mostrar a necessidade da cultura brasileira se demarcar da portuguesa. Não lhe repugnará exercitar as analogias históricas para *dramatizar o período colonial*. Não lhe merecerá reservas a adequação da sua linha interpretativa às fases históricas definidas para o processo evolutivo português, sustentando que ao findar o período das reconquistas, sucederá o período das depredações e saques. Era ponto pacífico e compreensão compartilhada, que no passado da formação histórica lusitana "fazia-se a rapina, porque a guerra necessária a isto obrigava", mas esse fluxo histórico e cultural lusitano, no Brasil, transmutou-se em parasitismo endógeno, pois "agora, quer-se a guerra pelo amor do saque e da rapina. É o segundo período - o da expansão depredadora: sede de riqueza, voracidade desencadeada, apetites insaciáveis"<sup>(37)</sup>.

## A herança

A leitura organicista da coletividade portuguesa cauciona, naturalmente, um outro elemento muito caro àquelas teorias esposadas por Bomfim: a transmissão de caracteres adquiridos, traço neolamarckista de seu pensamento. Este recurso explicativo avaliza a transposição orgânica da herança da metrópole para as elites brasileiras. Este deslocamento do jugo predatório fica nítida num quadro histórico - narrado em *América Latina*, e muito ecoado doravante, por um sem-número de obras -, que considera que a independência brasileira exprimiria um fenômeno de transporte parasitário grave, na medida em que "não só não houve

<sup>(35)</sup> Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1993, p. 82.

<sup>(36)</sup> J. E Oliveira Martins, *História da Civilização Ibérica*, Lisboa, Guimarães Editores, [1879], 1994, p. 54.

<sup>(37)</sup> Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1993, p. 82.

alteração essencial no regime governativo, como não foi destituído um só dos altos funcionários. Era o Estado-colônia; um dia, espantada pelas águias de Bonaparte, partiu-se de lá da metrópole a coroa, e veio achar-se aqui, substituindo o governador geral; depois retirou-se o rei, deixando aqui o príncipe em seu lugar-tenente - e o Estado sempre o mesmo, mantendo a orientação tradicional. Foi então quando o príncipe, lugar-tenente da metrópole, chefe do Estado-colônia, declarou nacionalizar-se brasileiro, e, em vez de 'futuro rei de Portugal e do Brasil', qual era, passou a 'Imperador do Brasil e futuro rei de Portugal'. Tal relação entre Estado e sociedade permanecerá posteriormente à Abdicação de E). Pedro I, pois ele "partiu, e a máquina ali ficou no trilho: *regência, maioridade, rei, revolução, ditadura, presidentes...* várias gentes se têm sucedido nas funções, mas o ponto de vista não muda"<sup>(38)</sup>.

Bomfim vai recordar fatos históricos da independência nacional - isto é, do marco fundacional coletivo - no sentido de lhes conferir alguma unidade enquanto reflexo da permanência da moral colonial na sociedade brasileira. Diz ele que, "repassando-se os fatos e a história da independência nas colônias latinas da América, se vê que ela se divide em dois períodos: 1) *resistência* violenta dos refratários à ideia emancipadora; 2) *transigência* dos mesmos, sua adesão aos movimentos. Em nenhum país estas duas fases se acusam melhor do que no Brasil. Em 1789-92 esquarteja-se a *Conjuração mineira*; em 1817, os independentes de Pernambuco são combatidos, vencidos e executados implacavelmente; em 1822, a independência é proclamada pelo próprio 'futuro rei de Portugal'. É característico"<sup>(39)</sup>. Para ele, "no Brasil, os refratários e realistas ainda foram mais felizes, porque tiveram um príncipe de sangue, o próprio herdeiro da coroa da metrópole, para chefe da monarquia com que eles fizeram aqui a independência"<sup>(40)</sup>. Ora, importa realçar que também Oliveira Martins chamava atenção para a "comunidade de sangue", seja em escala ibérica, seja em escala ibero-americana<sup>(41)</sup>. O verdadeiro momento emancipador brasileiro teria ocorrido em Pernambuco, com

<sup>m</sup>Idem, *ibidem*, p. 192.

<sup>m</sup>Idem, *ibidem*, p. 220.

<sup>m</sup>Idem, *ibidem*, p. 227

<sup>(41)</sup> Veja-se, por exemplo, seu texto publicado no *Nacional*, em 27/01/1891, posteriormente editado em J. P. de Oliveira Martins, *Dispersos*, tomo II, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1824 e também "A Liga Ibérica",

os republicanos de 1817. Libertação abafada, portanto. Vale dizer, ainda, que o brasileiro considerava que o Brasil, no contexto pernambucano de 1817, já apresentava "elementos constitucionais de uma nacionalidade" - compreensão da relação luso-brasileira também encontrada na obra martiniana, por exemplo, em *O Brasil e as Colônias Portuguesas*, onde afirmará o caráter de uma "nacionalidade nascente" no Brasil já em 1808, advogando pela necessidade de "expulsar os hóspedes importunos [os portugueses] que tinham invadido a casa e governavam nela como coisa sua, eis a significação das revoluções malogradas de 1817, na Baía e em Pernambuco"<sup>(42)</sup>.

Como se vê, o eco destes retratos históricos não só de Portugal, mas também do relacionamento do Brasil com a metrópole, narrados com as cores do *vencidismo* de Oliveira Martins parecem ter sido bastante fortes na obra bomfiniana. Eles formatam boa parte de sua leitura da realidade portuguesa e a respectiva atuação nos trópicos, ajudando a compor quadros da vida colonial como o seguinte: "É esta a síntese da vida económica das novas nacionalidades por todo o tempo de colónia: o senhor extorquindo o trabalho ao escravo, o negociante, o padre, o fisco e a chusma dos subparasitas, extorquindo ao colono o que roubara ao índio e ao negro. *Trabalhar; produzir*, só o escravo fazia"<sup>(43)</sup>.

Ora, tal como Oliveira Martins, Manoel Bomfim acreditava na capacidade de *regeneração* das sociedades: "as sociedades humanas têm energias regeneradoras de que mal desconfiamos". No entanto, se o português tinha na modernidade parisiense o parâmetro a contrastar, o brasileiro já busca nos Estados Unidos o diferencial explicativo, com se percebe quando afirmava que "na América do Norte, os estados do Sul estão, hoje, em situação bem próspera, apesar da escravidão. É que as colónias inglesas puderam organizar-se desde logo segundo convinha aos seus próprios interesses, e não foram vítimas de um parasitismo integral, como esse que as metrópoles ibéricas estabeleceram para as suas

*La Ilustración Española e Americana*, 1892, in J. P. de Oliveira Martins, *Política e Historia. Volume II (1884-1893)*, Lisboa, Guimarães & Cia Editores, 1957, p. 301.

<sup>(42)</sup> J. P. de Oliveira Martins, *O Brasil e as colónias portuguesas*, Lisboa, Guimarães & C.ª Editores, 7ª ed., [1880], 1978, pp. 97-98.

<sup>m</sup>*Idem, ibidem*, p. 131.

colônias"<sup>(44)</sup>. Por isso, incontornável lhe parece realçar os "desastrosos efeitos" do escravismo português para a nascente sociedade brasileira.

A evidência da decadência lusitana, narrada dramaticamente pelo próprio Oliveira Martins nas suas obras historiográficas, permitirá a Manoel Bomfim uma radicalização da sua própria interpretação. É que, para este fito, por paradoxal que possa parecer, nenhuma fonte seria efetivamente mais adequada aos seus propósitos que a interpretação martiniana. É o que se vê neste excerto: "Referindo-se à metrópole, diz Oliveira Martins: 'Se a guerra é antes um sistema de rapinas que uma sucessão de campanhas, a justiça é também mais a expressão arbitrária de um *instinto* do que a aplicação regular de um princípio'. Esse instinto é o parasitismo, e na colônia é que ele se tornou, por sua vez, o inspirador único de todas as justiças". Eis o terreno preparado para a condenação sumária da herança portuguesa: "fora disto, não há mais nada: nem polícia, nem higiene, nem proteção ao fraco, nem garantias, nem escolas, nem obras de interesse público... nada que represente a ação benéfica e pacífica dos poderes públicos"<sup>(45)</sup>.

Dois motivos teriam tido papel fundamental para que o parasitismo português conseguisse raízes no solo brasileiro: *i*) "o Brasil era, naquela época, a única e verdadeira colônia portuguesa, e para cá vinham quase todos os que, no reino, não obtinham viver diretamente ou indiretamente do Tesouro real"; e *ii*) "emigrando para o Rio de Janeiro, a corte trouxera consigo uma sobrecarga desses elementos refratários - o que havia de melhor no gênero". Neste ponto, convirá atentar, uma vez mais, para o fato de que a fonte deste "retrato" histórico dos elementos "refratários" que chegam ao Brasil, quando da transferência da Coroa, é, justamente, J. P. de Oliveira Martins. A pujança pictórica da narrativa martiniana salta aos olhos, citada explicitamente no livro do brasileiro: "Enxame de parasitas imundos, desembargadores e repentistas, peraltas e sécias, frades e freirás, monsenhores e castrados. Os botes formigavam carregando, levando, vasando bocados da nação despedaçada... monges, desembargadores, toda essa rale de ineptos figurões de lodo... Uma nuvem de gafanhotos, que desde o século XVII devorava tudo

<sup>(44)</sup>Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1993, pp. 133-134.

<sup>(45)</sup>Mera, *ibidem*, p. 143.

em Portugal, e ia pousar agora no Brasil, para, em casa, o dirigir mais à vontade"<sup>(46)</sup>.

Diante de tal quadro (e de outros semelhantes), composto, para mais, pela pena de um português, não há que estranhar o aproveitamento que dele faz Bomfím para sua teoria do *parasitismo* e apontar para o passado - para a herança portuguesa - na hora de definir o verdadeiro *mal de origem* brasileiro. Um passado colonial que ganha tonalidade de evidência histórica num sentido que extrapola, inclusive, o "fato passado" mobilizado a título de *res gestae*, indo mais além, no sentido em que indica o quinhão sociológico a ser combatido. Certo era, no entendimento de Bomfim, que o Estado brasileiro, pelos seus vícios e degradação completa, representava ainda o passado colonial português<sup>(47)</sup>. Assim sendo, não será difícil perceber qual era a bactéria a ser combatida: o lastro da memória lusitana na sociedade brasileira, que o autor isola, qual *parasita*. O traço ibérico, portanto, é o responsável pelo *mal de origem* comum da América Latina<sup>(48)</sup>.

Esta constatação, porém, não resolvia o problema. A denúncia das iniquidades da colonização ibérica nas nacionalidades latino-americanas gera, também, um segundo problema, mais complexo e de difícil solução, pois o "fato de que o organismo parasitado deriva diretamente do parasita e é por ele educado, dá a essa influência um aspecto completo e contraditório: o novo organismo nacional procura, ao mesmo tempo, imitar e repelir as instituições e o regime da metrópole. Independente mesmo do que nos possam ensinar os fatos, a simples lógica nos faz compreender a extensão e importância desses efeitos especiais:

<sup>(46)</sup> O trecho citado também consta na *História de Portugal*, à página p. 237 da edição já referida. Manoel Bomfim, *América Latina: males de origem*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1993, p. 227.

<sup>(47)</sup> Para o autor, no Brasil do final do século XIX, "o Estado é o inimigo, o opressor e o espoliador; a ele não se liga nenhuma idéia de bem ou de útil; só inspira ódio e desconfiança... Tal é a tradição; ainda hoje se notam estes sentimentos, porque, ainda hoje, ele não perdeu o seu caráter, duplamente maléfico - tirânico e espoliador". *Idem, ibidem*.

<sup>(48)</sup> "O quadro histórico das colônias luso-espanholas pode ser como exemplo completo do 'parasitismo social de povo a povo', parasitismo novo, que tem a sua feição original, porque não é o de uma nação sobre outra nação já feita, e de origem diferente; não, é o parasitismo de uma nação sobre outra que a ela se filia, que é por ela formada e dirigida", *Idem, ibidem*, pp. 154-155.

a longa instabilidade devida a estas duas tendências fatais às novas nacionalidades - a hereditariedade, imitação e educação *aproximando-as* dos costumes e processos políticos da metrópole; a repulsa, a antipatia e o horror à opressão e espoliação de que foram vítimas, *afastando-as* daquilo que a hereditariedade e a educação lhes impõem. Nacionalidades saídas das nações ibéricas, mas ao mesmo tempo oprimidas e exploradas por elas, as repúblicas sul-americanas viverão por muito tempo ainda neste conflito permanente consigo mesmas"<sup>(49)</sup>.

Citando particularmente a *Hérédité psychologique*, de Ribot, Manoel Bomfim considera a existência de "caracteres psicológicos" transmitidos hereditariamente pela colonização ibérica às sociedades latino-americanas. Pelo que, focando a identidade latino-americana, em relação à ibérica, Manoel Bomfim considera que "no fundo, as qualidades dominantes de caráter são as mesmas, mostrando bem claramente o parentesco que entre elas existe"<sup>(50)</sup>. Se há, na herança ibérica que os povos latino-americanos portam, variações relacionadas com o meio, há também a consideração da persistência de qualidades dominantes de caráter, ingrediente moral ibérico conservado em suas ex-colônias. De cariz materialista-monista - fundamento teórico em que a correlatividade entre matéria e espírito é esteio epistêmico -, sua compreensão da hereditariedade entre os povos não se resume apenas às questões raciais. Incorpora entendimento de uma transposição psicológica e conforma, com isso, uma transferência moral, facto que ajuda a que se lhe agreguem as colorações desta ordem em julgamento no "tribunal da história".

## Julgamento

Desta feita, todas as condições para a realização de um verdadeiro julgamento da história nacional brasileira estavam já satisfeitas: o estudo histórico do organismo social doente e a identificação do parasita a ser combatido. Caberia ainda saber, de entre as características morais herdadas, qual era a que deixava claro o grau de parentesco ibérico. A este respeito, Bomfim é taxativo: "das qualidades a nós transmitidas, a mais

<sup>m</sup>*Idem, ibidem*, pp. 154-155.

<sup>m</sup>*Idem, ibidem*.

sensível e mais interessante - por ser a mais funesta - é o *conservantismo*, [...] um *conservantismo essencial*, mais afeito que intelectual". Na prática, dirá ele, os homens das classes dirigentes "são *escravos passivos da tradição* e da rotina; são ativos apenas para opor-se a qualquer inovação afetiva, a qualquer transformação real, progressista". Trata-se, portanto, de uma "tendência instintiva ao conservantismo"<sup>(51)</sup>.

Deste ponto seu argumento ganha contornos de uma perplexidade crescente, na medida em que sua crítica apontará para um desprestígio radical de tudo o que fosse visto, na vida da nação, como permanência do passado. Por isso questionará: *que é que havia então para conservar?* Perceba-se que as elites latino-americanas eram, para ele, a representação material e fática da herança ibérica. Uma herança nefasta. Sua crítica social aponta para as elites enquanto verdadeiras representantes do passado: *"que pretendem então defender, deste passado?...* Ele é uma série de crimes, iniquidades, violações de direitos, resistências sistemáticas ao progresso. *Que é que pretendem conservar?* Só se é justamente a decadência, a resignação social, e tudo mais que, prendendo-nos ao passado, se opõe obstinadamente à vida e ao progresso, que não é mais que a perda incessante de hábitos, a luta contra os costumes estabelecidos, a adoção do que é *moda* e do que é *novo*, em oposição à tendência dos preguiçosos e tímidos a *imitar a história*"<sup>(52)</sup>.

Imitar a história. Eis o "calcanhar de Aquiles" da noção de correlatividade, implícita à compreensão da hereditariedade, consoante o materialismo-monista: ao mesmo tempo moral e natural, em todos os casos, a *transmissão* das qualidades ibéricas era o verdadeiro óbice a ser superado em direção a um real progresso das sociedades latino-americanas<sup>(53)</sup>. Daí que seja o passado o obstáculo a vencer, pois o conservadorismo das elites representaria, ainda, o jugo colonial - que só seria ultrapassado

<sup>(51)</sup> *Idem, ibidem*, pp. 159-160. Grifos meus.

<sup>(52)</sup> *Idem, ibidem*. Grifos meus.

<sup>(53)</sup> Não deixa de ser curiosa a mobilização da obra de Manoel Bomfim no âmbito dos estudos sobre a "superação" do "atraso brasileiro". Para uma reverberação deste posicionamento de Bomfim, tomado como "radicalismo", ver Antônio Cândido, "Radicalismos", *Revista Estudos Avançados*, vol. 4, n.º 8, 1990, pp. 4-38. Para uma mobilização destas compreensões bomfinianas no âmbito da educação nacional, ver, por exemplo, José Maria de Oliveira Silva, "Manoel Bomfim e a sociedade do futuro", *Educação & Sociedade*, n.º 22, 1987.

pela ilustração e pela ciência, em estreita ligação às filosofias racionalistas da história.

Em função deste desiderato, Bonfim não hesita em promover a combinação de um Gabriel Tarde e de um Nietzsche, mobilizados à moda de uma *Magistra Vitae* monista, na altura de explicar que, mais que superar, se trata de desrespeitar o passado como condição para o desenvolvimento, como vitória da razão contra as forças herdadas da natureza degenerada:

"Nietzsche tem razão quando diz ser o irrespeito e o desprestígio a condição essencial de todo o progresso. As nações sul-americanas têm que recompor toda a sua vida política, administrativa, económica, social e intelectual; se não querem morrer entanguidas, mesquinhas e ridículas, *têm que travar uma luta sistemática, direta, formal, conscientemente dirigida contra o passado*, respeitando apenas a sociabilidade afetiva, natural entre as populações, e os sentimentos de hombridade e independência nacional, característicos destes povos. *Tudo mais será tenazmente combatido* - é o meio de levar estas sociedades ao progresso, e colocá-las a par de outros povos, e de ganhar a distância enorme que nos separa das nações verdadeiramente cultas e progressistas"<sup>(54)</sup>.

Deste ponto de vista, o conservadorismo das elites é entendido como um resultado do passado colonial, pois "não é só por interesse, é por herança, por educação", que se instalam o sentimento de "desconfiança" e "o horror ao progresso", uma "antipatia" que "é incontestavelmente herdada dos povos colonizadores que o parasitismo tornou conservadores ferrenhos". Trata-se, no fundo, para Bomfim, da "essência do parasitismo: desde que um organismo principia a viver à custa de outro, cessa de progredir, porque já não tem necessidade de progredir; pelo contrário, todo o interesse, agora, é de não alterar a sua situação. O *progresso é o resultado da luta do homem com a natureza*, para tirar dela o que lhe é preciso à vida, e para evitar as suas inclemências"<sup>(55)</sup>.

Sendo o progresso só alcançável no âmbito de uma "luta" contra o passado, e entendendo-se este como o palco "natural" da "herança ibérica, compreende-se que, assim sendo, a superação do fardo ibérico,

<sup>(54)</sup> *Idem, ibidem*, pp. 160-161. Grifos meus.

<sup>(55)</sup> *Idem, ibidem*, pp. 164-166. Grifos meus.

verdadeiro "mal de origem" latino-americano, so possa vir, entretanto, com a adoção de uma organização intelectual e moderna que tinha nos países centro-europeus sua fonte emissora. Entendendo que somente a aplicação da ciência mais avançada propiciaria a superação dos vícios naturais herdados da decadência ibérica e que tanto obstaculizavam o florescimento das sociedades novas, o autor de *América Latina: males de origem* articulava de modo muito particular os preceitos do organicismo sociológico sob o fio condutor de uma temporalidade que se consumava tal qual um tribunal ilustrado. E é nesse ponto que, numa metáfora orgânica, entende a funesta herança que os colonizadores deixaram na América Latina: o *mal de origem* como expressão de parasitismo. Ao conhecimento, à ciência, à instrução popular, caberia a missão de curar esse mal e limpar o passado, atuando como um remédio para a doença das sociedades latino-americanas, essa sobrevivência e essa herança do passado ibérico, chaga produzida pelos anos de parasitismo das "sanguessugas de além mar"<sup>(56)</sup>.

### **Exemplaridade negativa**

A título conclusivo, valerá saltarmos da perspectiva bomfiniana para o âmbito demarcatório da cultura nacional. Viu-se, aliás, que o processo de fundamentação desta subjaz uma necessária mobilização da história. No caso brasileiro, especificamente, deve-se ter atenção ao jogo de contraste que foi estabelecido com Portugal - ou melhor, com uma leitura direcionada da lusitanidade. Neste ponto, entretanto, é surpreendente a intertextualidade com os juízos histórico-sociais proferidos pela intelectualidade portuguesa de 1870. A dialogia luso-brasileira estabelecida foi o pano de fundo da "colagem" de Manoel Bomfim na obra de Oliveira Martins.

Contudo, deve ser acentuado o diferente escopo conclusivo dos autores, bem como o efeito diverso no âmbito das relações luso-brasileiras inserido em suas argumentações. Se, porém, o anseio de modernização do país é análogo em ambos, o "retrato" do passado lusitano feito pelo autor de *O Brasil e as Colônias Portuguesas* produzido no e para o contexto

<sup>(56)</sup>*Idem, ibidem*, p. 175.

português, gera uma recepção crítica invertida no contexto brasileiro. Aquele mesmo quadro histórico-social autocrítico é a chancela para um reforço demarcatório, no sentido de um afastamento radical de Portugal - pecha originária que, a partir da própria leitura martiniana, havia razões de sobra para recusar.

Pense-se, a título de exemplo, no retrato inscrito na *História de Portugal*, de um rei português de não-desprezível importância na estética identitária das relações luso-brasileiras: D. João VI, personagem que, em todas as representações martinianas, foi o "mais extenso e pormenorizado, tanto no plano físico como no ponto de vista psicológico"<sup>(57)</sup>:

"Representante quase póstumo de uma dinastia, epitáfio vivo dos Braganças, sombra espessa de uma série de reis doidos ou ineptamente maus, D. João VI, já velho, pesado, sujo, gorduroso, feio e obeso, com o olhar morto, a face caída e tostada, o beijo pendente, curvado sobre os joelhos inchados, baloiçando como um fardo entre as almofadas de veludo dos velhos coches dourados de D. João V, e seguindo um magro esquadrão de cavalaria - era, para os que assim o viram, sobre as ruas pedregosas de Lisboa, uma aparição burlesca. Para nós, ao lembrarmos-nos de que nesse coche, desconjuntado pelos solavancos das calçadas, vai o herdeiro e o representante do Condestável, o espectáculo ressuscita-nos a história da Nação, também desconjuntada pelos balanços da sua vida tormentosa. E se, porventura, as misteriosas leis da vida têm um papel na história, força é reconhecer que *na família dos Braganças não vingou a semente da nobre raça de Nuno Álvares: viu-se em todos eles a descendência do crasso sangue alentejano da filha do Barbadão*"<sup>(57) (58)</sup>.

Diante de tão "burlesca" figura, imagem de uma evidente decadência ao mesmo tempo orgânica e histórica, bem se pode entender que a respectiva repercussão na margem tropical do Atlântico e, em concreto, na atmosfera intelectual em que se insere Manoel Bonfim, fosse pretexto

<sup>(57)</sup>Sérgio Campos Matos, "História e Ficção em Oliveira Martins. Imagens da Degerescência", *Revista de História das Ideias*, vol. 21, 2000, pp. 161-162.

<sup>(58)</sup> J. P. de Oliveira Martins, *História de Portugal*, vol. II, Lisboa, Europa-América, [1879], 1991, p. 188. Grifos nossos.

para confirmar as piores leituras sobre o caráter parasita da "semente da nobre raça de Nuno Alvares".

Nas obras dos dois autores mencionados - Manoel Bomfim e Oliveira Martins - há uma tentativa de aprender com os erros do passado, tal qual uma *Magistra Vitae moderna*. No entanto, uma coisa é combater o próprio passado, ou melhor, os equívocos e corrupções da dinastia de Bragança, com o faz Oliveira Martins, em sentido autocrítico. Outra coisa, porém, é combater um passado tido como passado do outro, como "herança funesta". Num caso, o *magistério da história* produz uma apetência por aperfeiçoamento; no outro, produz-se um anseio por afastamento, feito bandeira de uma necessária cura histórica. Estandarte de um combate a ser consumado *contra* tudo o que remetesse ao passado lusitano - símile do mal-de-origem ibérico.

Após um intervalo de mais de uma década, a produção historiográfica bomfiniana, depois da publicação de *América Latina: males de origem*, em 1905, empreenderá a produção de uma trilogia: *O Brasil na América*, publicado em 1929, *O Brasil na História*, estampado em 1930, e *O Brasil Nação*, editado em 1932. Nestes livros, o autor dá azo à incorporação gradual do ideário marxista, que no Brasil já ganhava força no início do século XX. Contudo, a mobilização da história e o papel conferido a Portugal na construção de projetos para o desenvolvimento brasileiro permanecerá o mesmo que fora traçado em 1905, ou seja, o de "mal de origem". A este respeito, valerá à pena estudar, em futuros trabalhos, a influência das idéias de Manoel Bomfim, sobretudo de sua estética identitária, por exemplo, na obra de Caio Prado Júnior, principalmente em *A Formação do Brasil contemporâneo*, publicado em 1945. No prefácio de *O Brasil na América*, Bomfim revela a influência de suas idéias de *América Latina* na organização das obras posteriores, dizendo que "compreende-se, pois, que nestas páginas de agora se encontre, apenas, o desenvolvimento de conceitos patentes no outro livro. Não há modificação de sentimentos, nem novidade de pensamento"<sup>(59)</sup>. Em *O Brasil na História*, estampado poucos anos antes de sua morte, Bomfim afirmará que "das condições duras e tristes que a história nos impôs, nenhuma é mais dura e lastimável do que essa necessidade de - afirmarmos

<sup>(59)</sup> Manoel Bomfim, *O Brasil na América. Caracterização da formação brasileira*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1929, p. 7.

a nosso caráter e toda a tradição nacional *contra* esse povo, mesmo, que nos formou"<sup>(60)</sup>.

É que a construção da nação brasileira deveria começar, para Bomfim, a partir do marco de onde Portugal acabou. Embora parecida com a imagem pintada pelas obras de Oliveira Martins, a ideia do brasileiro se distingue da do português justamente na utilização feita da *exemplaridade* do passado: o que para um é positividade, para outro é negatividade. Mesmo com base em utilização do mesmo retrato ou juízo sobre o passado, aparentemente próxima, por vezes até idêntica, seu efeito, porém, será diverso. A evidência da degradação lusitana demandará reforma, na margem europeia do Atlântico; na margem americana, receberá sua extirpação.

Bem vistas as coisas, se está diante da problemática da demarcação das identidades nacionais e dos efeitos de delimitação de suas fronteiras mnemónicas. Nela, a leitura da história (seu significados e seu sentido) funcionam como elementos fulcrais, pois são os pilares que fundarão as estratégias de demarcação cultural. Não surpreende que a historicidade destas questões torne possível sua delimitação, mesmo quando iniciada pelo seu próprio centro de referência (a história nacional portuguesa), possa transmitir-se, como matriz, a outros contextos e servir a outros fins e, sobretudo, possa produzir efeitos diversos ou mesmo inversos (a condenação da herança lusitana). Afirma Rui Cunha Martins que, em matéria de estratégias de transgressão e/ou reafirmação de fronteiras, bem como de definição e estabelecimento de limites (também, logicamente, os de ordem cultural), "o que aqui se emancipa pode, ali, num outro contexto, manifestar propriedades de estrangimento, e que o contrário é também possível"<sup>(61)</sup>. Nada mais justo para perceber a correlação existente da leitura de Portugal no âmbito da escala ibérica e o enquadramento do Brasil no escopo latino-americano. Nada mais adequado para realçar a inversão do significado desta ligação. Ou seja, da transmutação da Ibéria em mal-de-origem.

<sup>(60)</sup>Manoel Bomfim, *O Brasil na História: deturpação das tradições. Degradação política*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1ª ed., 1930, p. 193. Grifos meus.

<sup>(61)</sup>Rui Cunha Martins, "O paradoxo da demarcação emancipatória: a fronteira na era da sua reprodutibilidade icónica", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 59, Fev. 2001, pp. 50-51.